CORDEL NA SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA

Maria Fabiana Gomes[*]

A região do Cariri, formada principalmente pelos municípios de Crato, Juazeiro e Barbalha, no sul do Ceará, apresentava, nos anos trinta, quarenta e cinqüenta, a maior produção de Literatura de Cordel do Brasil. Fanatismo religioso, cangaço, brigas de coronéis, secas prolongadas eram os temas preferidos dos artistas que faziam dos santos do povo, cangaceiros e agricultores famintos verdadeiros heróis da resistência, vencedores num ambiente de fé, violência e fome.

Os caririenses, em sua maioria, só tiveram acesso à televisão no final da década de setenta, enquanto isso, os livretos de cordel reinavam soberanos nas calçadas, terreiros e salas, quando as famílias se reuniam à noite para ler cordel, contar histórias de assombração e anedotas de salão. Vivenciei muitas destas noitadas na minha primeira infância. Na década de oitenta, houve uma grande massificação da televisão, até na zona rural. *A Lira Nordestina*, maior gráfica de cordel do Brasil, sediada aqui no Cariri, quase fechou suas portas e o cordel, assim como outras manifestações da cultura do povo - coco, reizado, banda cabaçal - perdeu seu status de atração principal para as novelas, e outros enlatados que nos empurraram de goela abaixo.

Mesmo a universidade , na época da minha graduação em Letras, ignorava a literatura popular, como se esta não tivesse nenhuma importância na formação de quem iria trabalhar com códigos e linguagens. Entretanto, nem só de formação acadêmica vive o professor; a intuição, muitas vezes, leva-nos a momentos realmente significativos na sua prática pedagógica.

Primeiras experiências

Em 1992 ensinava Língua Portuguesa na Escolinha Nosso Mundo, uma escola de pequeno porte na cidade de Crato e, como não dispunham de muito espaço para brincar na hora do recreio, os alunos terminavam se machucando ou quebrando móveis e equipamentos.

---

[*] Professora de Língua portuguesa e Literatura brasileira da rede pública e privada no Crato, Ceará, especialista em Língua portuguesa.

Tive, então, a idéia de levar alguns cordéis e ler para eles no intervalo. Começou com um grupo pequeno na audiência - uns quinze alunos - com o passar dos dias o número foi aumentando tanto, que tínhamos de acomodá-los juntinhos no pátio e fazer do batente da porta de uma das salas-de-aula um palco improvisado. Minhas turmas eram de 5ª. a 8ª. série, mas as crianças do pré-escolar e de 1ª. a 4ª. série também se interessaram pela atividade, o que me empolgou bastante e me levou a usar, durante a leitura, adereços do nosso folclore: chapéu de palha com fitas coloridas, cafuringa (chapéu dos mateus do reizado), coletes de fitas e espelhos, confeccionados gentilmente pelas "tias" do pré-escolar.

Logo o meu estoque de livrinhos esgotou-se e comecei, nos dias de feira, acompanhada de alguns alunos, a percorrer as bancas que junto a botões, ervas, pentes vendiam cordéis novos e alguns consagrados no passado.

O momento era tão agradável que um dia a diretora resolveu encerrar a aula na hora do intervalo para que tivéssemos mais tempo para a leitura dos cordéis, então resolvemos convidar um cordelista para conversar conosco e recitar algumas de suas poesias. Ao final, ficou combinado que uma vez por mês iríamos repetir esta vivência.

Percebi que, quando faltava algum professor, os alunos faziam leituras e eram muito aplaudidos pelos colegas. Combinei com eles que assumiriam o nosso palco-batente e a partir dali uma sala por dia se responsabilizaria pela organização da leitura. Os alunos levavam os cordéis para casa e treinavam a leitura, porque queriam fazer com perfeição a expressão corporal, o tom de voz, o ritmo e a confecção do adereço. Instalou-se, então, uma tremenda disputa entre eles para ver quem leria melhor.

Para acalmar os ânimos, vez por outra convidávamos os professores para fazerem a leitura do dia.

Neste momento, alguns pais começaram a me procurar, preocupados com a possibilidade de atrasarmos o conteúdo curricular, argumentando que os filhos precisariam dele no vestibular. Disse-lhes que eram alunos do Ensino Fundamental ainda, que as leituras aconteciam no intervalo das aulas, que um dos maiores desafios do professor de Língua Portuguesa era fazer o aluno sentir prazer pela leitura, mas notei que eles ainda saíram da conversa um pouco contrariados. Resolvemos convidá-los para uma seção de leitura, no dia determinado para a sala em que os filhos estivessem organizando o evento e, para nossa satisfação, discursaram emocionados e predispuseram-se a participar outras vezes do encontro. Claro que estávamos felizes com a atitude deles e fizemo-lhes um convite não só de voltarem como ouvintes, mas como leitores. E assim aconteceu. As leituras eram feitas por alunos, pais, professores e, uma vez por mês, a aula acabava mais cedo e recebíamos um poeta popular.

Passaram-se seis meses e uma turma de 5ª. série começou a brincar de escrever mensagens para os colegas na linguagem de cordel, deixando-as pregadas nas paredes da sala. Então surgiu neles a vontade de fazer e publicar um livrinho de literatura de cordel.

Já conheciam o ritmo e as rimas, mas precisavam ter mais intimidade com a xilogravura da capa. Visitamos um xilogravurista , que nos mostrou o que é e como se faz uma xilogravura. Tentamos fazer uma oficina com os alunos maiores, mas o manuseio da faca na madeira foi motivo de preocupação e muita briga. Ficamos um pouco frustrados porque a xilogravura da capa não era produção nossa, mas contentamo-nos com o paliativo que foi a reprodução de um desenho de uma aluna por um xilogravurista muito habilidoso, conhecido popularmente na região pelo nome de Nilo.

O cordel "Nossa Turma, Nosso Mundo" é bem simples, leve, não é narrativo; nele os alunos se apresentam e falam de suas brincadeiras e times de futebol favoritos, atribuem-se qualidades ou defeitos. Vejamos alguns versos deste cordel:

Sou doido por Matemática
Já sei toda a tabuada
Meu nome é Thiago Teles
Das contas dou gargalhadas
Ganho qualquer maratona
Deixo a turma enfezada

Sou a Nathalia Goulart
Eu nasci no Ceará
Minha gente, eu sou cratense
Não gosto de trabalhar
Minha vida é fazer artes
Isso eu não posso negar

Em nada foge ao clima lúdico que envolveu todo o trabalho e culminou com a noite do lançamento, quando alugamos o salão paroquial, convidamos nossos familiares, alguns poetas, repentistas e professores da universidade.

Quando deixei de trabalhar nesta escola, os professores continuaram com o trabalho. Fui, na oportunidade, convidada para ensinar Português, (aliás, Gramática,} no Ensino Fundamental e Médio de um colégio bem maior, também em Crato, que tinha como ponto de partida e de chegada a prova do vestibular. Lá, a disciplina Língua Portuguesa dividia-se em redação, gramática, literatura e texto, cada um com um professor diferente. Na visão do diretor, meu trabalho seria unicamente ensinar regras gramaticais e fiquei muito angustiada em somente reproduzir no quadro o que existia no livro de gramática e depois treinar e fixar as regras com exercícios. Já havia levado para os intervalos a mesma experiência da escolinha, e os adolescentes gostaram de participar tanto quanto as crianças. Já os pais se envolveram bem menos, por mais que nos esforçássemos, não conseguíamos levar os pais à escola; em compensação, os funcionários da secretaria e, principalmente, os que trabalhavam na limpeza do colégio davam verdadeiros shows.

Estava ensinando as regras de crase no terceiro do ensino médio e tivemos a idéia de fazer um cordel que contasse uma histórias de um adolescente antipático, e que, durante a narrativa fossem aparecendo as regras de uso do acento grave. Fizemos uma excursão até a Lira Nordestina, vimos as máquinas antigas, fotografias dos velhos mestres, conhecemos novos poetas e xilogravuristas, enchemo-nos de ânimo para escrever o livreto. Passamos cinco aulas, de cinqüenta minutos cada , escrevendo coletivamente as estrofes no quadro, ouvindo sugestões, mudando versos, acrescentando outros, até que conseguimos fechar a narração e a última regra foi posta no cordel "É com crase, Severino?" Seguem algumas estrofes deste cordel:

Severino envergonhado
E a turma a lhe gozar:
-"Não ando a pé, só de carro"
-"Me desculpe perguntar:
A pé com crase ou sem crase?
Você pode me afirmar?
Apesar da cara feia
Que fazia esse menino
Ao colegas completavam:
-Pé é nome masculino
Só podemos cresear
Precedendo um feminino

Foi muito interessante porque a turma aprendeu as regras, brincou, divertiu-se e conheceu um pouco mais da nossa cultura, para valorizá-la.

Nesta escola, no ano seguinte, os alunos mesmos já preparavam as leituras de cordel, sem a minha interferência e chamavam-nas "performances". Logo no primeiro bimestre uma oitava série estava estudando as funções de linguagem e pediu-me que orientasse um trabalho que queriam fazer: transformar as notícias de jornais em literatura de cordel. Liam as notícias, recortavam as mais interessantes e, como eles mesmos comentavam, "diziam diferente", ou seja, nas rimas do cordel.

Fizemos também o lançamento deste, que se chamou "Recortes de Jornal" e foi a minha terceira experiência com publicação de cordéis dos meus alunos poetas. Vejamos dois exemplos deste trabalho:

Ganhador da mega sena
Baiano de Salvador
De uma hora para outra
Ganhou pose de doutor
Deu tchau ao salário mínimo
Deixou de ser sofredor
No dia do aniversário
Ronaldinho publicou
Em breve vai ser papai
Um gol contra ele marcou
Pois só namorou dois meses
E a menina engravidou

Ensino também no turno noturno da maior escola da rede pública do cariri, o Colégio Estadual Wilson Gonçalves, de Crato, e, em 1999 tivemos alguns problemas com drogas, álcool e violência dentro da escola. Convidamos a polícia para , de vez em quando, fazer uma ronda pelos pátios, mas não foi a melhor solução. Imaginamos, então, que mais informação e uma pitada de poesia fosse melhor. E foi. Algumas palestras, convívios, debates e a leitura de cordéis nas salas trouxeram descontração e mostraram alunos valorosos antes camuflados. Vi, pela primeira vez alguns jovens, antes sonolentos, irritados ou casmurros, sorrirem e aplaudirem os colegas que liam as façanhas registradas nos cordéis. Fiz e dediquei a eles o cordel "A guerra está

nas ruas, a paz reside em nós" e ouvi depoimentos nas salas mais difíceis, que confirmaram mais uma vez que a Escola precisa oferecer momentos bons aos seus meninos e meninas, tão bons quanto os que lhes proporcionam os bares, clubes e praças. Abaixo, algumas estrofes deste livreto:

Estender a mão ao outro
Dar bom dia, agradecer
Pedir sempre por favor
Falar como vai você
São coisas que não podemos
Jamais deixar de fazer

Praticar algum esporte
Ver um filme bem famoso
Namorar agarradinho
Ler um livro é tão gostoso
Transforma até Lampião
Num sujeito carinhoso

Palavras finais ou outro título

Não precisamos ler cordel na escola com segundas intenções, ou seja, usá-lo sempre para estudar regras, figuras de linguagem ou outra coisa que o valha. porém, se nos for conveniente, nada há contra esta prática, pois trata-se de um ótimo meio de difusão de informações curriculares ou transversais. O que o professor não pode é pensar que ler cordel com seus alunos, somente pela sua mágica, é desperdício de tempo; ao contrário, é viajar no imaginário popular, é viver a leitura, o prazer de ler por prazer.

Referências

SERAINE, Florival. *Antologia do folclore cearense.* Fortaleza: Edições UFC, 1983
GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula.* São Paulo: Ática, 1997.
JUCÁ, Pedro Rocha. *Revista A Província,* fev 1998, p.132.

MÍDIA, EDUCAÇÃO E LEITURA

Denise Lino de Araújo *

BARZOTTO, Valdir Heitor, GHILARDI, Maria Inês. (Org.) *Mídia, Educação e Leitura.* São Paulo: Anhembi Morumbi: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

Periodicamente os estudos sobre ensino são invadidos por ondas de um certo "modernosismo". Saímos da era de que em matéria de leitura "tudo vale" (uma interpretação equivocada do princípio de que o leitor é um co-autor do texto) e agora parece que entramos na era da mídia, ou até como apontam algumas leituras apressadas entramos na era da midiatização da educação, ainda mais quando os PCN dedicam um item para as novas tecnologias aplicadas à educação. Nesse caso, como em tantos outros, o entendimento e as interpretações têm sido um tanto enviesadas, não basta equipar as escolas com televisão, vídeo-cassetes e computadores para promover a melhoria no ensino. Parece óbvio, mas é bom que se diga: antes de mais nada é preciso saber ler os textos a que esses equipamentos dão acesso.

Essa é uma preocupação dos pesquisadores brasileiros vinculados às áreas de comunicação e de educação. Não só jornalistas e profissionais da mídia em geral, mas também professores e pesquisadores de diversas áreas têm contribuído já há algum tempo para uma reflexão sistemática sobre o assunto. Para um melhor conhecimento da área recomendamos Citelli (1997, 2000), Figueiredo (1999), Fusari (1985), Pacheco (1991), entre outros.

Recentemente incorporou-se a esse conjunto de publicações o livro destacado nesta resenha, que embora figure como tendo sido publicado em 1999 só este ano alcançou as livrarias do país.

A publicação é uma coletânea de 16 capítulos e resulta do III Encontro sobre Mídia, Educação e Leitura, realizado no último COLE – Congresso de Leitura. Como muitos livros desse tipo, este tem o que poderíamos chamar de uma virtude e um defeito congênitos. A virtude

* Professora DL – CH – UFPB, Doutoranda FEUSP

é exatamente a publicação dos textos apresentados naquele fórum, o que permite aos interessados no tema ter acesso às discussões realizadas, que comparativamente às que vêm sendo efetivas nesse espaço de discussão representam um avanço. No último Encontro um grupo eclético de professores, pesquisadores, jornalistas e outros profissionais da comunicação procurou indicar fronteiras comuns entre a mídia (nos seus diversos veículos) e a educação. Disto, talvez, resulte o defeito, que na verdade é o preço que se paga pela expansão de qualquer discussão: corre-se o risco de as idéias serem difusas, irregulares. O livro é um pouco isto: um conjunto desigual de textos, alguns mais teóricos, outros só teóricos, outros mais aplicados, outros resultados de pesquisas, mas que vale a pena ser lido.

Sugerimos ao leitor um percurso de leitura que se paute pela organização dos capítulos em blocos temáticos de modo a atender ao critério de encadeamento de idéias. Num primeiro bloco, reunimos os capítulos que dão conta de uma fundamentação teórica. Neste bloco, destacamos dois textos cujo escopo é discussão do mundo da escrita em face de um "novo" mundo de referências letradas veiculadas pela mídia. São os textos de Dulce Adélia Adorno Silva – "Técnica, Tecnologia, Escrita e Leitura"– e o texto de Eduardo O. C. Chaves – "A tecnologia e os paradigmas na educação: o paradigma letrado entre o paradigma oral e o paradigma audiovisual." Ambos têm em comum o tratamento dispensado à escrita, que é vista como uma tecnologia e como tal evoluiu possibilitando a existência de outras que hoje não só grafam a fala, mas permitem outras formas de apresentação da escrita conjugada à ilustração. O texto de Eduardo Chaves vai mais longe, traça um perfil do desenvolvimento da escrita, discute, ainda que brevemente, a questão hoje *in aberto* da construção de um outro paradigma cultural baseado nas mídias audiovisuais. Acreditamos que este capítulo traz significativas contribuições para uma análise do conflito vivido pelos alunos do ensino fundamental e médio mais afeitos às linguagens audiovisuais do que à linguagem escrita adotada pela escola.

A este bloco pode ainda ser acrescido o texto de José Marques de Melo – "Estímulos mediáticos aos hábitos de leitura" – que pode ser entendido como uma reflexão aplicada dos princípios apresentados nos dois textos precedentes. O autor discute o papel dos meios de comunicação de massa liderados pela TV como "educadores coletivos",

dado o alcance que têm no Brasil e o papel decisivo que exerceram na formação da população brasileira. O texto concita os leitores a refletirem sobre um fato patente já registrado por inúmeras pesquisas, qual seja o tempo dedicado ao consumo da mídia que é, em geral, superior ao tempo que os escolares dedicam à escola.

Um segundo bloco temático de capítulos pode ser construído pelos textos que apresentam um suporte teórico e prático para a atividade de leitura de diferentes textos da mídia em sala de aula, notadamente nas aulas de língua e de história. Destacamos inicialmente os textos de Helena Confortin – "Leitura do humor na mídia"– e o de Maria do Rosário Valencise Gregolin – "Caras e Você s.a: escultura da imagem e visibilidade social."

Esses textos têm em comum o fato de serem bem escritos, apresentam consistente fundamentação teórica, analisam exemplos a partir dos quais pode ser inferida uma série de sugestões didáticas para o trabalho com o tipo de texto focalizado. Helena Confortin apresenta e diferencia as formas do humor na mídia, mas detém-se na argumentação da função do humor na mídia, que temas, que vozes, que pontos de vista estão em questão neste gênero textual. Ao lado disso, discorre sobre a questão que mais diretamente diz respeito ao ensino: qual é natureza da leitura dos textos de humor. Vale a pena conferir a resposta sugerida pela autora.

O texto de Rosário Gregolin é o único que se apresenta como o resultado de pesquisa. Decorrente do projeto Discurso, História, Memória, que se apóia nas reflexões da Análise de Discurso Francesa, o capítulo sumariza o resultado de um dos aspectos da pesquisa: como possibilitar a interdisciplinaridade a partir da leitura. Analisando as revistas *Caras e Você s.a*, tidas pela pesquisa como objeto de leitura que circula na escola (sic!), afirma a autora que essas revistas contribuem para a (re)construção do imaginário social da riqueza, da fama e do sucesso, sob o ponto de vista do olhar dos seus leitores-alvo. Conclui afirmando que a interpretação dos sentidos do texto da mídia exige o reconhecimento das posições ideológicas, a compreensão das vozes que falam através do discurso, pois a fragmentaridade dos temas constitui sentidos que não estão totalmente na estrutura mas no imaginário coletivo. Segundo a autora, este é um importante exercício de leitura na escola.

Além desses, inserimos ainda neste bloco o texto de Clóvis de Barros Filho – "Mundos Possíveis, mundos agendados: um estudo do uso da mídia na sala de aula" – no qual o autor discute a noção de *agenda setting* – traduzida do jargão das teorias da comunicação como fixação de uma agenda – e sugere as implicações decorrentes dessa noção que podem ser utilizadas pela escola. O autor, respaldado em vários estudos e pesquisas, defende a tese de que as pessoas agendam seus assuntos, suas conversas, em função do que a mídia veicula. Todavia, longe de defender a unilateral e preconceituosa noção de que a mídia influencia a vida das pessoas, adverte que há uma importante etapa intermediária entre a difusão das informações, dos programas, e os comentários que as pessoas fazem nos mais variados lugares, entre eles a escola. Essa etapa intermediária é a da recepção, que age como um filtro de variadas camadas, digamos assim, como as culturais, as etárias, as subjetivas, as religiosas, etc. E é nessa etapa de comentários sobre a programação que a escola pode auxiliar a etapa da recepção, aproveitando-se dessa *agenda setting* tanto para identificar temas para estudo quanto para iluminar determinados temas com as informações típicas do mundo da ciência e da escolarização.

Um terceiro e último bloco de leitura pode ser delimitado pelos demais textos. Um conjunto difícil de ser circunscrito porque abrange temas diversos, dentre eles a relação entre educação e imprensa, a descrição de experiências práticas de integração de deficientes visuais ao cotidiano universitário a partir do desenvolvimento de softwares, entre outras medidas, e ainda uma discussão sobre alfabetização científico-tecnológica. Diríamos que esta é parte frágil do livro, tanto pela variedade de temas quanto pelo fato de que se pautam por conceitos de mídia, de educação e de leitura muito amplos. E nesse caso é possível fazer muitas associações, mas via de regra muito genéricas, algumas até inadequadas.

Por fim, dentre os textos apresentados destacamos o de Maria Inês Ghilardi – "Mídia, poder, educação e leitura" – que não incluiríamos em nenhum dos blocos acima indicados uma vez que pode ser lido como o prefácio da obra. Tematizando as relações que esses termos e as suas respectivas práticas envolvem, a autora divide-as em dois conjuntos. O primeiro envolve as relações entre mídia e poder, no qual destaca o duplo papel exercido pela imprensa, que oscila entre as ondas de denuncismo e ondas de reafirmação do seu papel de guardiã

e fiscal dos três poderes. O segundo envolve as relações entre educação e leitura, tidas pela professora Ghilardi como um antídoto contra esse papel por vezes excessivo da imprensa. Segundo ela, ler o discurso da mídia é condição para a inserção do sujeito na sociedade e na História do seu tempo. E na sua opinião, ler o discurso da mídia significa ler jornais, revistas, ouvir rádio, assistir à televisão, comunicar-se pelo computador e compreender os textos que produzem e as imagens que refletem.

Essas últimas palavras dão bem a dimensão de como as fronteiras entre mídia, educação e leitura são patentes. Acreditamos que uma articulação consistente entre esses campos requer que se estabeleça uma definição de leitura, que ilumine as práticas educativas e permita ter em relação à mídia uma postura de parceria, apoiando-se nela para o que diz respeito à divulgação científica e noticiosa (uma vez que os livros didáticos pecam em muitos casos pela desatualização), mas ao mesmo tempo lendo essas informações a partir da postura escolar da acumulação do conhecimento.

Referências

CITELLI, Adilson Odair. *Aprender e ensinar com textos não escolares.* São Paulo: Cortez, 1997.

_____. *Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, Rádio, Jogos, informática.* São Paulo: Cortez, 2000.

FIGUEIREDO, Vera Follain (Org.) *Mídia e educação.* Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.

FUSARI, Maria Felisminda. *O educador e o desenho animado que a criança vê na TV.* São Paulo: Loyola, 1985.
PACHECO, Elza Dias (Org). *Comunicação, educação e arte na cultura infanto-juvenil.* São Paulo: Loyola, 1991.